

INTRODUÇÃO

O imigrante discriminado, o imigrante desvalorizado, o imigrante rejeitado, o imigrante bode expiatório é infelizmente “coisa corrente”.

Discriminações étnicas, religiosas, econômicas se misturam sem que seja sempre possível distingui-las. A discriminação sofrida pelo imigrante pode, com efeito, ter várias origens e distinguir o que seria da ordem do confessional; de ordem econômica ou bem ética pode ser difícil. A discriminação é o produto de múltiplas causas das quais algumas são mais ou menos importantes: segundo o lugar (trabalho, habitação, lazeres, etc.) onde trabalham e vivem os imigrantes, segundo o contexto econômico (persistência do desemprego, dificuldades econômicas), segundo o estatuto (“sem documentos”, “com documentos”, duração da estada no país de destino), segundo a importância das medidas repressivas e os discursos “nacionalistas” de certos partidos populistas, etc. Uma parte importante da população imigrante não se sente inscrita num processo de inclusão e ressentido por vezes violentamente a rejeição de que é objeto.

Essas discriminações podem ser combatidas por políticas econômicas, sociais e culturais visando a dar igual acesso aos direitos para todos (qualquer que seja sua origem), pelo diálogo intercultural, pela participação dos imigrantes na vida urbana, no sindicato, nas associações, etc. Assim, a publicação do Livro Branco sobre o diálogo intercultural: “Viver juntos na igual dignidade” do Conselho da Europa (CONSEIL DE L’EUROPE, 2008d)¹ adotado pelo conjunto de seus 47 países membros, constitui um marco e vem bem a propósito. O Livro Branco dá impulso à oposição contra as dinâmicas nocivas à coesão social. Parodiando certos clássicos, poderíamos dizer que ao pessimismo da razão ele opõe o otimismo do coração e a vontade de fazer avançar os limites. O Livro

¹ Doravante denominado Livro Branco

Branco é um texto mobilizador. Suas recomendações deveriam permitir a oposição às discriminações e aos diferentes “desvios”, até mesmo ao aumento do ódio e da rejeição do outro.

O objeto do Livro Branco consiste em valorizar a gestão democrática da diversidade cultural fundada sobre uma maneira diferente de estabelecer os laços entre minoria e maioria lembrando-se que uma sociedade coesa repousa ao mesmo tempo sobre o acesso igual de todos aos direitos, mas também sobre o respeito de uma base comum de valores universais que transcende as diferentes culturas. A gestão democrática significa, para além da luta contra as discriminações, a possibilidade de desenvolver formas participativas podendo ir até à possibilidade para os estrangeiros, sob certas condições, de participarem de eleições locais. Trata-se de fato de procurar estabelecer uma identidade plural no seio de cada nação, podendo ser constitutiva de uma identidade partilhada no seio da Europa.

O objeto das páginas que se seguem é analisar as discriminações em suas variedades e de mostrar que as diversas recomendações do Livro Branco apontam o caminho para a elas nos opormos. O diálogo intercultural, via privilegiada para se enriquecer mutuamente, para “viver juntos”, só terá credibilidade se paralelamente políticas sociais visando às populações mais vulneráveis, sejam elas imigrantes ou não, forem reforçadas. Neste sentido, as recomendações contidas no Livro Branco constituem um avanço significativo.

Toda uma série de aspectos não será abordada, como o retorno dos imigrantes aos seus países, a contribuição ao desenvolvimento de seus países de origem, as relações entre imigração e transferências financeiras, a luta contra a pobreza e o desenvolvimento nos países de imigração. Existem numerosos trabalhos sobre estes aspectos, produzidos por instituições internacionais, ONGs e pesquisadores.²

² Numerosos trabalhos foram consagrados às questões tratando das transferências financeiras dos imigrantes

Apresentaremos numa primeira parte um panorama da imigração. A imigração mudou profundamente nestas últimas décadas. Dessa maneira, convém analisar estas mudanças a fim de fornecer o contexto em que se dão as discriminações. A segunda parte estudará certos terrenos da discriminação: o econômico (mercado de trabalho: contratação, salário, condições de trabalho), a educação e o *habitat* e as respostas em termos de políticas fundadas no diálogo intercultural. É, no entanto, difícil de fazer a distinção entre os diferentes fatores de discriminação (étnicos, sexuais, religiosos) e as discriminações econômicas ligadas à forte vulnerabilidade das populações imigrantes segundo o seu estatuto (naturalizados, estrangeiros, legais ou ilegais). Eis por que, tendo estudado as discriminações econômicas, a terceira parte tratará da diversidade cultural e da coesão social. Já que se trata de estabelecer um diálogo intercultural frutífero, é ainda preciso nos pôr de acordo sobre o que se entende por cultura e suas relações, por exemplo, à globalização, à religião. As políticas ditas de “acomodações razoáveis” do tipo *bottom up*, as políticas de discriminações positivas postas em prática em alguns países levantam duas questões às quais tentaremos responder nos referindo às recomendações do Livro Branco: aquelas da base comum de valores a partir dos quais pode se empreender um diálogo intercultural, aquelas relativas à igualdade e à dignidade.

para suas famílias que permaneceram em seus países, nós citaremos alguns neste livro. Notemos igualmente a publicação de uma obra do *Conseil de l'Europe* (2009) e de um artigo de Massiah (2008).



PARTE 1: IMIGRANTES: QUANTOS SÃO? QUEM SÃO, AONDE VÃO?

Introdução

Nos discursos sobre a imigração, as palavras são raramente precisas e frequentemente a imprecisão reina quanto ao número de imigrantes em um ou outro país. Misturam-se às vezes os imigrantes propriamente ditos e sua descendência nascida nos países de destino. A imigração clandestina é frequentemente superestimada. Os dados são às vezes aumentados desmesuradamente. Avaliar sobre bases científicas a importância da imigração é necessário. Mas para fazê-lo, é ainda preciso definir inicialmente o que implica o termo “imigrante”. Esta avaliação, difícil sob vários aspectos, permite rejeitar os argumentos quantitativos dos que, denunciando as “invasões” do Norte pelo Sul, inflam as estatísticas, exploram o sentimento de insegurança das populações enunciando discursos populistas a conotações racistas.

Para tanto, não podemos nos limitar a uma perspectiva estritamente contável. A imigração é plural, múltipla. Há uma grande diversidade de situações, não apenas entre países, mas igualmente no seio de cada país e, portanto, das experiências vividas pelos imigrantes. Quem é imigrante e quem não o é? As formas de entrada e a duração da estada influem no comportamento dos imigrantes? Estas são duas questões às quais o prólogo que se segue é consagrado. Elas são de alguma forma anterior a análise consagrada nesta parte às modificações, por vezes substanciais, da imigração ao longo das últimas décadas, analisadas nos dois capítulos seguintes.

A imigração na Europa mudou de amplitude e de face. Em certos